

ASPECTOS DO ROMANCE REALISTA DE MACHADO DE ASSIS

João Décio

Os três romances da chamada fase realista de Machado de Assis apresentam, sem dúvida, algumas semelhanças, que nos levam à conclusão de que, em suas obras, o romancista partia de arquétipos para daí tirar os episódios formadores do entrecho dramático. Em primeiro lugar, a tendência filosofante nos três romances, **Dom Casmurro**, **Memórias Póstumas de Brás Cubas** e **Quincas Borba**, parece evidente e sempre com sentido diminuidor do homem. Basta que se observe a criação de personagens como Rubião e Brás Cubas para sentirmos isso. Constituem duas figuras que caminham pela vida através de falsos valores, embora guardem no fundo, predisposição para o bem. Em Rubião, por exemplo, essa visão distorcida das coisas humanas nos é apresentada desde o começo, quando mantém relações de amizade com o Quincas Borba, tendo por fito tão-somente aproveitar-se da fortuna do amigo. Recebendo a herança, vai para o grande centro, onde com o dinheiro julga poder desfrutar da felicidade tanto almejada.

Vem a conhecer Sofia logo em seguida e daí à prática do adultério era um passo, não vindo a ocorrer apenas pela indecisão do próprio Rubião e de Sofia, um dos tipos de mulheres mais negativas, moralmente falando, da extensa galeria de mulheres criadas por Machado.

E neste caminho errado da vida, prossegue Rubião, procurando a todo custo realizar o adultério, favorecido ainda pelo descaso de Cristiano Palha, marido de Sofia. Aqui, Machado estabelece uma espécie de justiça tôda particular: Rubião enlouquece de amor, através do processo de megaloma-

nia, enquanto Sofia continua sua vida, parecendo que nada de anormal sucedeu. Curioso como Machado é, no sentido de justiça, muito mais complacente com a mulher, castigando duramente os homens; basta que se vejam os casos de Sofia, Capitu e Virgília, ao lado de Rubião, Bentinho e Brás Cubas.

De qualquer maneira, a visão pessimista de Machado revela-se com os tipos humanos em geral. Quase todos desfibrados moralmente, sem ânimo para reagirem contra o mal, guiados, ao que tudo indica, por um fatalismo que tudo carrega e destrói. O fatalismo, um dos elementos mais em evidência na obra realista de Machado, obsta tôda a atitude do homem, no sentido de superar-se, e parece atingir especialmente os heróis masculinos, por exemplo, Bentinho, Rubião e Brás Cubas. Fatalismo que anula quase que completamente o livre-arbítrio de suas personagens, fatalismo, por assim dizer orgânico e mesmo inconsciente, quer dizer, as personagens machadinas não percebem que não conduzem a vida, antes são arrastadas por ela. Estas considerações referem-se particularmente às personagens masculinas.

Quanto ao elemento feminino sabemos que, em seu romance romântico, com algumas variações, Machado segue uma certa linha comum ao romantismo brasileiro em geral. Exemplos frisantes temos em **Helena** e **Iaiá Garcia**, para tão-sòmente citar duas obras dessa tendência.

Já no romance realista, as figuras femininas mudam radicalmente de sentido para se afirmarem como caracteres mais integrais e por isso mesmo mais humanos. Figuras femininas como Capitu, Sofia e Virgília guardam entre si certas semelhanças de raiz, embora divirjam em certos elementos do caráter. Como fôrça maior temos que tais criaturas em primeiro lugar constituem um complexo físico-espiritual evidente em todos os sentidos. Isto quer dizer que umas e outras traduzem através de certos elementos físicos exteriores, algumas particularidades internas. Este condicionamento físico-espiritual é colocado em têrmos de análise interior, daí ter Machado de Assis preferido um caminho todo especial dentro do realismo, preferindo

o que corretamente Eugênio Gomes chamou de “microrrealismo” em artigo publicado na **Revista do Livro**.

Este microrrealismo se baseia especialmente na atenção para com os detalhes, na caracterização de tipos e assim é que Capitu, Sofia e Virgília, antes de serem vistas como tipos globais, o são através de momentos especiais porque reveladores de toda sua estrutura. A reunião de todos êsses flagrantes nos fornece uma visão mais completa dos tipos femininos do escritor do Cosme Velho. Tudo isto é então, evidentemente nôvo em romance brasileiro. Capitu do **Dom Casmurro**, Virgília de **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, Sofia do **Quincas Borba** constituem novidades como figuras literárias, mas novidades no sentido autêntico, mulheres diferentes de tôdas as outras surgidas em romances brasileiros anteriores e contemporâneos.

Ademais, essas personagens trazem certas características universais, ainda não captadas em romance, pôsto o que, Machado de Assis se coloca como um descobridor de ingredientes ainda não vislumbrados em nossa literatura. Primeiramente porque a mulher é tomada naquilo que de mais profundo apresenta, psíquica e fisicamente, embora certo pessimismo, se assim podemos nos expressar, tenha conduzido esta visão, para forçar os defeitos da mulher em detrimento de suas qualidades. Defeitos afinal no que a mulher pode apresentar de mais degradante no sentido social e especialmente moral, embora não se possa achar nestes três tipos femininos de Machado de Assis, qualquer problema de consciência.

Realmente, nem Capitu ou Virgília que realizaram o adultério, nem Sofia que caminhou sempre até êle, apresentam qualquer drama moral. Parece que Machado nem quer se preocupar com isso. Sofia, da qual esperamos a todo momento, o ato adulterino, não chega a consumá-lo, talvez por falta do célebre “momento oportuno”, que existe, por exemplo, para Brás Cubas e Virgília e que apareceu, embora veladamente, para Capitu e Escobar, valendo lembrar ainda que aqui as razões foram outras. E mesmo quanto à razão, Machado de Assis não chega a definir bem porque a mulher age desta ou daquela for-

ma. Simplesmente, êle faz a mulher agir, e quase que por instinto se poderia dizer.

Verdadeiramente, o instinto parece representar nos tipos femininos do romance realista de Machado, o principal fator que leva a mulher a atos menos enobrecedores do caráter, já que, como dissemos, não há o ato punitivo para as mulheres.

A ausência do drama moral nos parece um dos poucos elementos falhos da obra realista do autor de **O Alienista**. Daí sentirmos a mulher assim meio desfigurada, incompleta. Teria perdido assim, Machado a oportunidade de criar excelentes figuras femininas, elevando seu romance a altitudes maiores ainda.

Parece, por outro lado, que nosso romancista sentia temor em penetrar num campo tão complexo, levado talvez por um temperamento bastante tímido. Mas isto é suposição que não interessa à análise direta de sua obra.

Relativamente ao adultério, constitui ingrediente comum às três mulheres, como já afirmamos, não obstante a coisa se dar diferentemente em cada caso. Em **Quincas Borba**, o adultério está latente em Rubião e Sofia, mas não consegue se impor, mais por vacilação da segunda que do primeiro. O romancista traça a heroína dentro de uma linha que conduziria àquele ato, não fôsse a dubiedade na ação. O fato, todavia, dela não consumir o ato, não lhe confere qualquer grandeza moral. Em intenção ela adulterava com outro também, veja-se, para confirmar o que dizemos, sua atitude com relação a Carlos Maria.

Ela se oferece, mas imediatamente volta atrás nunca conduzida por um freio moral, mas com intenção de manter sua reputação de mulher da sociedade e para merecer as graças e as atenções do marido, por injunção social e de Rubião, por interesse financeiro. Assim, Sofia surge mesmo com uma mulher sem espinha dorsal, fútil, exterior, prêsa, em todos os sentidos, a um egoísmo de raiz tal, que procura acomodar as coisas para estar sempre bem com todos, embora exteriormente pareça o contrário:

— “Mas como se hão de cortar as relações de uma vez?”

— Fechar-lhe a porta, mas não digo tanto; basta, se queres, aos poucos...

Era uma concessão; Palha aceitou-a; mas imediatamente ficou sombrio, soltou a mão da mulher, com um gesto de desespero. Depois, agarrando-a pela cintura, disse em voz mais alta do que até então:

— Mas, meu amor, eu devo-lhe muito dinheiro.

Sofia tapou-lhe a bôca e olhou assustada para o corredor.

— Está bom, disse acabemos com isto. Verei como êle se comporta, e tratarei de ser mais fria... Nesse caso, tu é que não deves mudar, para que não pareças que sabes o que se deu. Verei o que posso fazer.

— Você sabe, apertos de negócio, algumas faltas... é preciso tapar um buraco daqui, outro dali... o diabo! E' por isso que... Mas riamos, meu bem; não vale nada. Sabes que confio em ti.

— Vamos, que é tarde.

— Vamos, repetiu o Palha dando-lhe um beijo na face.

— Estou com muita dor de cabeça, murmurou ela. Creio que foi do sereno, ou desta história... Estou com muita dor de cabeça. (p. 75).

Através dêste diálogo em que percebemos claramente que Palha é um homem sem espinha dorsal, podemos explicar até certo ponto, certas reações de Sofia, com vista ao adultério.

E' preciso então ter-se em conta que muitas das reações femininas estão condicionadas ao proceder dos elementos masculinos. Sofia, por descuido e mesmo por imoralidade da parte do marido, se impõe a Rubião, porque êste é um tipo de lunático ou visionário, que não sabe ou não quer ver a realidade. Daí ao malôgro no amor e à loucura, dista apenas um passo. No caso do **Dom Casmurro**, Capitu domina Bentinho, porque êste é um tímido, um fraco, não sabe reagir ao domínio, primeiro da menina, depois da mulher, como podemos notar na seguinte exposição do narrador, Dom Casmurro e diálogo seguinte entre Bentinho e Capitu:

“Como vês, Capitu, aos quatorze anos, tinha já idéias atrevidas em si, na prática faziam-se hábeis, sinuosas, surdas, e alcançavam o fim proposto, não de salto, mas aos saltinhos.

Não sei se me explico bem. Suponde uma concepção grande executada por meios pequenos. Assim, para não sair do desejo vago e hipotético de me mandar para a Europa, Capitu, se pudesse cumpri-lo, não me faria embarcar no paquête e fugir: estenderia uma fila de canoas daqui até lá, por onde eu, parecendo ir à fortaleza da Lage em ponte movediça, iria realmente até Bordéus, deixando minha mãe na praia, à espera. Tal era a feição particular do caráter da minha amiga; pelo que, não admira que, combatendo os meus projetos de resistência franca, fôsse antes pelos meios brandos, pela ação do empenho, da palavra, da persuasão lenta e diuturna, e examinasse antes as pessoas com quem podíamos contar. Rejeitou tio Cosme; era um “boa-vida”; se não aprovava a minha ordenação, não era capaz de dar um passo para suspendê-la.

Prima Justina era melhor que êle, e melhor que os dois seria o padre Cabral, pela autoridade, mas o padre não havia de trabalhar contra a igreja; só se eu lhe confessasse que não tinha vocação...”

E em continuação, já no diálogo:

— “Bentinho — Posso confessar?

— Pois, sim, mas seria aparecer francamente, e o melhor é outra coisa. José Dias...

— Que tem José Dias?

— Pode ser um bom empenho.

· Mas se foi êle mesmo que falou...

— Não importa, continuou Capitu; dirá agora outra coisa. Êle gosta muito de você. Não lhe fale acanhado. Tudo é que você não tenha medo, mostre que há de vir a ser dono da casa, mostre que quer e que pode. Dê-lhe bem a entender que não é favor. Faça-lhe também elogios; êle gosta muito de ser elogiado. D. Glória prestathe atenção; mas o principal não é isso; é que êle, tendo de servir a você, falará com muito mais calor que outra pessoa”.

— Não acho, não, Capitu.

— Então vá para o seminário.

— Isso não.

— Mas que se perde em experimentar? Experimentemos; faça o que lhe digo". (p. 56).

E vai por aí o diálogo, sempre com Capitu se mostrando mais inteligente, mais hábil, mais insinuante, mais convincente que Bentinho.

Ainda, as próprias ações da menina são bem calculadas, como fito único de impedir a entrada de Bentinho no seminário e casar-se com ela.

Como justificar, no entretanto, a realização do casamento? Sòmente se pode explicar isto, por três razões. Primeiramente que os dois meninos acostumaram-se um com o outro a tal ponto que não poderiam mais se separar. Predominou antes o costume que o amor, pelo menos por parte de Capitu. Ainda surgia para a possibilidade de elevar-se em seu meio social, através do casamento com Bentinho e ainda por cima o casamento, pura e simplesmente, não seria para Capitu, impedimento para realizar tudo aquilo que desejasse, veja-se, por exemplo, o adultério com Escobar. A desigualdade de espírito e de modo de conduzir a vida, separou Bentinho de Capitu bem como a igualdade de gênio, pelo menos num determinado momento, uniu esta a Escobar. Mesmo aqui, sem forçar, podemos sentir um certo fatalismo a conduzir a figura de Capitu para o adultério, visto que em pouquíssimos momentos nossa heroína deixa transparecer seu pecado e em nenhum instante apresenta qualquer drama moral.

Por isto especialmente é que Capitu, Sofia e Virgília, em certos momentos nos parecem criaturas estranhas, incompletas, sem dramas morais, desfibradas totalmente, daí não podermos conferir a tais criaturas completa autenticidade. Muito mais autênticas, sem dúvida, as figuras de Bentinho, Brás Cubas e Rubião e ainda muito mais humanas. Bentinho, é indiscutível, apresenta talvez o maior drama de tôdas as criaturas machadianas. Vê desmoronar o mundo de ilusões que criou, por um simples ato da mulher amada, totalmente inesperado aliás e mesmo misterioso na obra, o adultério.

Lembramos anteriormente os aspectos referentes ao adultério em *Quincas Borba*, quanto à figura de Sofia.

Já quanto a *Capitu* e *Virgília*, pode-se tentar explicar o adultério, eis que são melhor traçadas que a protagonista de ***Quincas Borba***.

Em *Capitu*, observamos, não há drama moral; reside nela tão-sòmente uma dose de mêdo, aliás encontrável também em *Virgília*. Já para Sofia, o mêdo existe quanto à perda da estabilidade social, ao procurar um equilíbrio no sentido de conservar o marido e não desgostar os admiradores, Rubião e Carlos Maria. *Capitu*, por outro lado, têm um drama de raiz, que é o não poder realizar-se na maternidade com Bentinho, daí procurar resolver a frustração através do adultério com Escobar. Isto revela, inicialmente, um profundo egoísmo de *Capitu*, aliás, desde o início, de ***Dom Casmurro***, uma criatura fria e calculista por excelência. Parece, por outro lado, ser *Virgília* a criatura feminina que a vida colocou em situação mais difícil, eis que mãe de um filho, mas completamente dissociada do marido, encaminha-se fatalmente para o adultério. Neste processo Lôbo Neves permanece estático, indiferente; o mesmo se observa por exemplo com Cristiano Palha, relativamente ao possível adultério, afinal não levado a efeito, por Rubião e Sofia. Já é possível aqui, ver em Cristiano Palha e Lôbo Neves, duas criaturas que se aproximam, pois têm muitos pontos de contacto: ambos preocupam-se exclusivamente com a posição social na vida, ambos são indiferentes à sorte das mulheres, ambos procuram aproveitar-se dos amigos para se elevarem na vida, ambos enfim, constituem dois exemplares típicos dos desfibrados morais. Nestes casos então, é possível explicar, até certo ponto o adultério de *Virgília* e o quase-adultério de Sofia. O que não se explica totalmente é o adultério de *Capitu*, eis que Bentinho, apesar de tímido, conservou sempre uma linha de retidão moral.

Resultado, foi o mais atingido pela tragédia, eis que Rubião enlouquece, por não poder realizar seu amor adulterino e Brás Cubas, realizando o adultério, vem a morrer melancòlicamente, desde o início do romance.

Se houve realmente justiça para com os dois últimos, o fato é que para Bentinho a vida foi severa demais, eis que não só lhe reservou o adultério, como o fêz através de seu melhor amigo Escobar. Assim, o modo de sentir a vida na obra de Machado acaba sendo um processo de distorsão dessa própria vida. Quer dizer, a filosofia do romancista, seja em **Dom Casmurro**, em **Quincas Borba** ou em **Memórias Póstumas de Brás Cubas**.

Desde a filosofia do humanitismo expressa nas **Memórias Póstumas**, notamos uma visão muito mais material que espiritual da vida, eis que a sobrevivência material pode explicar e justificar tôda e qualquer ação humana, veja-se por exemplo o episódio da morte da avó do herói ou o das batatas, em que não há a preocupação mínima pela vida humana.

Tal humanitismo como filosofia, constitui uma expressão mesma de evidente megalomania em **Quincas Borba**, megalomania que será legada a Rubião junto com a fortuna, e que levará à loucura e posteriormente à morte.

Para destacar êste aspecto presente pelo menos nas **Memórias Póstumas de Brás Cubas** e em **Quincas Borba**, recordemos certa altura do diálogo entre Rubião e **Quincas Borba**:

— “E que Humanitas é êsse?

— Humanistas é o princípio. Mas não, não digo nada, tu não és capaz de entender isto, meu caro Rubião; falemos de outra coisa.

— Diga sempre.

Quinca Borba, que não deixara de andar, parou alguns instantes.

— Queres ser meu discípulo?

— Quero.

— Bem, irás entendendo aos poucos a minha filosofia; no dia em que a houveres penetrado inteiramente, ah! nesse dia terás o maior prazer da vida, por que não há vinho que embriague como a verdade. Crê-me, o Humanitismo é o remate das coisas; e eu, que o formulei, sou o maior homem do mundo. Olha, vês como o meu bom Quincas Borba está olhando para mim? Não é êle, é Humanistas.” (p. 23).

A megalomania constitui uma espécie de princípio de loucura e esta será herdada por Rubião, pois como caracterizar a busca daquele amor impossível por Sofia, senão pela loucura e afinal também a megalomania invadirá Rubião, como processo de deliquescência do homem. Ao final, temos uma criatura vencida, ao longo de uma vida pautada pelo interesse, pelo egoísmo, pela vaidade e especialmente pelo amor ao dinheiro.

Como vemos, Machado confere às suas personagens alguns defeitos de raiz que conduzem naturalmene ao caos, eis que às criaturas não é conferida a mínima possibilidade de salvação eis que raramente as personagens principais encontram outras de valor moral que poderiam ser a tábua de salvação de suas vidas. E' o caso de Eugênio nas *Memórias Póstumas* que sendo uma jovem perfeita, a ela Machado conferiria um defeito físico, o ser manca. Quer dizer, em certos detalhes, nosso romancista possibilita a salvação às suas criaturas, através destes pequenos atalhos da vida, pelo qual infelizmente a criatura não segue. Eugênio aparece em certa altura da vida de Brás Cubas como a grande possibilidade de sobrevivência moral, mas o nosso herói a desperdiça. Ainda outras criaturas de qualidades morais elevadas aparecem, por exemplo D. Fernanda em *Quincas Borba*, traçada aliás em rápidas pinceladas por Machado.

Assim é que aparece no romance realista de Machado um aspecto curioso: as personagens principais, normalmente são criaturas carregadas de defeitos, amorais, quando não imorais, egoístas, maldosas, veja-se por exemplo a extensa galeria de tais tipos em *Quincas Borba*: Sofia, imoral e egoísta por excelência, Palha, homem destituído de qualquer princípio moral, Rubião, egoísta e interesseiro e mesmo Carlos Maria, embora este possa ser visto com simpatia em várias oportunidades.

Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, a galeria de tipos imorais é quase tão rica: o lisonjeador Brás Cubas, o oportunista e politiqueiro Lôbo Neves, a conivente D. Plácida e a adúltera Virgília, embora no caso desta possamos já vislumbrar em Machado uma certa simpatia. Virgília tem um filho, pro-

cura esconder seus amôres ilícitos, enfim, Virgília, embora sempre mais conduzida pelo medo que por qualquer outro motivo torna-se uma criatura mais simpática, menos desprezível, pelo menos que Sofia, eis que, vindo a amar Brás Cubas, a êste se entrega inteiramente, sem qualquer reserva. Não mantém, enfim, aquela atitude de falsidade, que podemos conferir a Sofia. Já Capitu permanece como uma interrogação na mente do crítico. Por que ter adulterado? Para satisfazer a um capricho? Para dar uma certa felicidade a Bentinho? Pelo fato de ter visíveis semelhanças com Escobar? O fato é complexo e embora, à primeira vista, possamos ver em Capitu, tão-sòmente a frieza, o calculismo, a indiferença para com Bentinho, o fato é que por costume ou por amor, ela se via unida a êste.

A traição com Escobar, no entanto, por outro lado, vem confirmar uma certa mulher caprichosa e curiosa de tudo que era Capitu, curiosidade que lhe veio desde criança, portanto já antiga na altura do adultério. Até certo momento é possível explicar, não justificar portanto, sua atitude.

Como podemos perceber parece haver uma gradação na atitude das três mulheres, relativamente ao adultério: Virgília cede abertamente, vindo a adulterar com Brás Cubas. Atitude errada, sem dúvida, mas ela não nega nem renuncia a seu amor; pelo contrário, embora mãe de um filho, passa a viver com a pessoa amada, apesar dos preconceitos sociais. Capitu adultera mas o romancista não explica bem o porquê e ficamos sabendo do fato através de certas insinuações que Machado faz; quer dizer o adultério como fato consumado fica apenas na sugestão, numa passagem das mais dramáticas de **Dom Casmurro** em que Bentinho consegue inteirar-se de tôda a tragédia que o cerca:

“Palavra que estive a pique de crer que era vítima de uma grande ilusão, uma fantasmagoria de alucinado; mas a entrada repentina de Ezequiel, gritando: — “Mãe! mãe! é hora da missa!” restituiu-se à consciência da realidade. Capitu e eu, involuntariamente, olhamos para a fotografia de Escobar, e depois um para o outro.

Desta vez a confusão dela fêz-se confissão pura. Este era aquêlé; havia por fôrça alguma fotografia de Escobar pequeno que seria o nosso pequeno Ezequiel. De bôca, porém, não confessou nada; repetiu as últimas palavras, puxou do filho e saíram para a missa.” (p. 224).

E' o momento em que Bentinho se dá conta da tragédia que se abateu sôbre sua vida, não lhe fazendo justiça, muito pelo contrário, castigando-o duramente. Assim é que Machado não confere a qualquer de suas personagens a possibilidade de ser feliz, a vida é cruel para todos, indistintamente. Daí as criaturas machadianas nos parecerem tôdas malogradas, mantendo o romance um ar sofrido e mesmo deprimente, eis que ninguém se salva neste caos que é a vida das personagens.

Parece que a filosofia mesma de Machado tende a atomizar tudo, a reduzir tudo a pó e essa tendência deliquescente com relação à vida está presente nos três romances da fase realista de Machado. Isto não quer dizer que tôdas suas criaturas, sem exceção, sejam desfibradas, imorais eis que podemos observar certos “oásis” em que o romancista cria algumas personagens cheias de virtude e chega mesmo a mostrar em detalhes muitos rápidos, qualidades em figura como de Rubião e mesmo de Brás Cubas. O que predomina, no entretanto, é uma atmosfera densa, sombria, como a impedir a existência da felicidade, do bem-estar para a criatura humana. E' como se Machado não cresse na existência da virtude, daí as criaturas áridas, vazias, como Sofia, Capitu e Virgília, no caso das femininas, e Rubião, Brás Cubas, Lôbo Neves e Cristiano Palha, entre as masculinas.

O notável em todos os processos amorosos é que Machado confere às mulheres os maiores defeitos e os homens por esta razão são os que mais sofrem. Ironia própria de Machado, embora talvez seus romances fôsem mais completos se houvessem criado tipos femininos mais autênticos, mais convincentes, eis que ao término da leitura de **Dom Casmurro**, **Memórias Póstumas de Brás Cubas** e **Quincas Borba** uma impressão nos fica: os tipos masculinos convencem como figuras humanas, mas os femininos não, porque incompletos, insensíveis, vazios e embora estejamos procurando fazer uma análise de como a obra é,

gostaríamos de que ela fôsse melhor, mais completa. E' evidente que Machado conhecia muito mais a psicologia masculina que a feminina, mas isto não justifica a parcialidade com que trata a mulher, conferindo tão-sòmente a ela, elementos negativos do caráter.

Concluindo, embora tenha realizado em sua fase chamada realista três romances primorosos, o fato é que faltou a êles, não um conhecimento profundo da vida, pois realmente o possuía Machado, mas sim um sentido mais profundo da psicologia feminina; contudo, não queiramos exigir de Machado em sua obra uma experiência profunda que não teve em sua existência (no tocante à mulher), eis que a que teve se apresenta exuberante em seus romances.

OBRAS CONSULTADAS

- Machado de Assis — **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, São Paulo, Edit. Cultrix, 1960.
— **Quincas Borba** — Mesma ed.
— **Dom Casmurro** — Mesma ed.